PREVENÇÃO UNIVERSAL À VIOLÊNCIA ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

SCHOOL VIOLENCE UNIVERSAL PREVENTION IN ADOLESCENCE: A SYSTEMATIC REVIEW

DOI: <https://doi.org/10.22388/2525-5894.2018.0075>

Iara da Silva Freitas – Mestranda do PPG em Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo – IPUSP. E-mail: iarafreitas@usp.br

Laura Aparecida Martins Albino - Mestranda do PPG em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo – IPUSP. E-mail: auramartins@usp.br

Mariana Giannattasio Bozeda - Mestranda do PPG em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo – IPUSP. E-mail: marianabozeda@usp.br

Márcia Helena da Silva Melo - Orientadora nos PPG em Psicologia Clínica e em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo – IPUSP. E-mail: mmelo@usp.br

Pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Prevenção na Escola, pertencente ao Departamento de Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP

Resumo

A violência escolar se trata de um fenômeno complexo, que afeta expressivamente o desenvolvimento e bem-estar de adolescentes em todo o mundo. Programas de prevenção universal podem atuar no fortalecimento de fatores protetivos e na diminuição de fatores de risco relacionados a esse problema. Objetivo. O objetivo desse estudo consistiu em descrever o panorama atual da literatura nacional e internacional referente aos programas preventivos universais para violência escolar, voltados a adolescentes. Método. O levantamento dos artigos para a revisão sistemática da literatura foi realizado nas bases de dados Scopus, PsycInfo e BVS. Foram incluídos apenas estudos baseados em evidência, com foco na prevenção ou diminuição da violência escolar, voltados a adolescentes. Resultados e Conclusões. Foram encontrados 326 estudos, dos quais, oito compuseram o corpus de análise da presente revisão. O estudo permitiu identificar intervenções com efeitos significativos sobre a redução da violência em escolas, com participantes adolescentes, no contexto internacional, sobretudo no que concerne à violência física, psicológica e *bullying*. Em relação ao contexto brasileiro se verificou uma possível lacuna no que se refere a estudos baseados em evidências com esse foco, o que pode ter implicações sobre a saúde mental dos adolescentes e em políticas públicas.

Palavras-chave: Violência; Saúde escolar; Adolescente.

Abstract

School violence is a complex phenomenon that significantly affects development and well-being of adolescents around the world. Universal prevention programs can strengthen protective factors and reduce risk factors related to this problem. Objective. The aim of this study was to describe the current panorama of the national and international literature regarding the universal school violence preventive programs directed to adolescents. Method. The literature review was carried out Scopus, PsycInfo and BVS databases. Only evidence-based studies focusing on prevention or reduction of school violence, directed to adolescents, were included. Results and Conclusions. A total of 326 studies were found, of which eight comprised the analysis corpus of the present review. The study identified interventions with significant effects on the reduction of violence in schools, with adolescents participating, in the international context, especially regarding physical and psychological violence and bullying. About brazilian research, there was found a possible gap regarding evidence-based studies with the focus mentioned above, which may have implications on adolescents' mental health and public policies.

Key-words: Violence; School health; Adolescent.

INTRODUÇÃO

A violência se trata de um problema de saúde pública global, que se refere ao uso intencional de poder ou força física, real ou diante de ameaça, contra um indivíduo, grupo, ou comunidade, resultando, ou que tenha alta probabilidade de resultar em prejuízo ao desenvolvimento, privação, ferimentos, danos psicológicos ou morte (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2014). Incluída neste tema encontra-se a violência escolar, um fenômeno complexo e multideterminado, que abrange características do indivíduo, da escola e da sociedade na qual essa se insere (STELKO-PEREIRA, 2012), podendo envolver agressão física, psicológica, sexual, e *bullying* (incluindo aquele que se dá em ambientes virtuais - *cyberbullying*), podendo ser perpetrada por estudantes, professores e/ou outros membros da equipe da escola, com possibilidade de ocorrer nas dependências da instituição, dentro ou fora de sala de aula, nas imediações do estabelecimento, ou em seu trajeto, e no ambiente *online*.

Pode-se compreender como violência física qualquer comportamento com intenção de machucar, que inclua punição corporal, na qual é utilizada força física voltada a causar dor ou desconforto. Como violência psicológica, são identificadas ações que envolvem abuso verbal, emocional, incluindo isolamento, rejeição, desprezo, insultos, humilhação, ridicularização, ameaças e disseminação de rumores, boatos maldosos (SPECIAL REPRESENTATIVE OF THE SECRETARY-GENERAL ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN, 2012). Essas duas últimas ações são também identificadas pela literatura como agressão relacional, bastante frequente na adolescência, e que consiste em prejudicar a reputação social de um indivíduo, fazendo com que outros não mais o apreciem (CRICK; OSTROV; KAWABATA, 2007; HEMPHIL et al., 2010). A violência sexual envolve atos como discriminação relacionada a gênero e/ou orientação sexual, coerção, assédio sexual, abuso, e estupro (SPECIAL REPRESENTATIVE OF THE SECRETARY-GENERAL ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN, 2012).

O *bullying* corresponde a uma modalidade específica da violência escolar, caracterizada por agressões repetitivas ao longo do tempo, com intenção de causar sofrimento ao outro, e por desequilíbrio de poder entre os envolvidos (OLWEUS, 2013). Acrescida a essa categorização, pode-se citar também a destruição ao patrimônio da escola, que se refere a comportamentos de quebrar, roubar, ou causar danos a materiais do estabelecimento de ensino ou de pessoas (STELKO-PEREIRA, 2012). Estima-se que 246 milhões de indivíduos vivenciam uma ou mais formas de violência escolar todos os anos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, 2017). Estudos apontam ainda uma categorização da violência escolar em termos da direção das agressões entre os envolvidos em uma interação, isto é, entre pares, estudante-professor e professor-estudante, sendo a primeira, a mais frequentemente abordada entre as pesquisas da área. Grande parte dos programas preventivos à violência escolar tem colocado foco sobre bullying e violência física e psicológica (LESTER et al., 2017).

A adolescência corresponde a um período de transição entre a infância e a idade adulta, que compreende mudanças biológicas, socioemocionais e cognitivas, levando-se sempre em conta fatores históricos, culturais e sociais (SANTROCK, 2014). A ocorrência da violência em escolas afeta expressivamente o desenvolvimento e bem-estar desse público em todo o mundo, comprometendo aspectos de saúde e educação (CONNOLLY et al., 2014). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2017), são adolescentes pessoas na faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos.

Durante o referido período do desenvolvimento, o cérebro se encontra ainda em processo de desenvolvimento (SPEAR, 2013), de modo que indivíduos nessa fase são capazes de vivenciar emoções de maneira muito intensa, mas podem não estar preparados para regulá-las e para direcionar estresse excessivo (CASEY; JONES; SOMERVILLE, 2011). Como os adolescentes podem apresentar níveis mais altos de reatividade e sensibilidade ao contexto social (SCHRIEBER; GUYER, 2016), os efeitos da violência escolar sobre sua saúde mental podem ser intensificados durante essa fase da vida, contribuindo assim para o desenvolvimento de

baixa autoestima, ansiedade, sintomas psicossomáticos, depressão, ideação e atos suicidas (TTOFI et al., 2011; TROOP-GORDON, 2017). Além disso, estudos apontam ainda que indivíduos que sofrem violência escolar apresentam a tendência de vivenciar novas experiências de vitimização ao longo da vida. Por outro lado, a perpetração desse tipo de violência possui relação com comportamentos relacionados à delinquência (FARRINGTON et al., 2011; JOLLIFFE et al., 2017).

Há diversos fatores relacionados à violência, incluindo características individuais, de pares, familiares, da comunidade e da escola, os quais podem aumentar (fatores de risco) ou diminuir (fatores de proteção) a probabilidade de que adolescentes se envolvam em condutas violentas (FAGAN; CATALANO, 2012). Alguns fatores de risco incluem: baixo desempenho acadêmico, associação a pares antissociais (FARMER et al., 2007), falta de apoio nas relações com adultos, prejuízo no sentimento de filiação à escola (HONG; ESPELAGE, 2012). Por sua vez, boa autoestima, interações sociais positivas com pares e adultos do ambiente escolar, boa habilidade de resolução de problemas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA, 2017), participação dos pais na vida escolar dos filhos (TAVARES; PIETROBOM, 2016) constituem importantes fatores protetivos para a violência escolar. Fatores de risco relacionados ao ambiente da escola podem ser modificados por meio do fornecimento de apoio aos professores e a outros membros da equipe da instituição, os quais têm recebido pouco foco nos estudos sobre o tema (ESPELAGE et al., 2013; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2016).

Nesse sentido, a Ciência da Prevenção busca sintetizar e aplicar conhecimentos no que se refere a esses precursores da violência (e a outros problemas), de modo a reduzir sua prevalência ao longo do ciclo de vida, intervindo na diminuição de fatores de risco e aumentando fatores de proteção (CATALANO et al., 2012). Programas preventivos podem ser direcionados a uma população em geral (universal), a indivíduos expostos a elevados níveis de fatores de risco e baixos níveis de fatores protetivos (seletiva), e a pessoas que já apresentem manifestações relacionadas a determinado problema (indicada) (GORDON, 1983; MRAZEK; HAGGERTY, 1994). De acordo com Murta et al. (2013), ações preventivas podem constituir importante estratégia de cuidado em saúde mental no período da adolescência.

Intervenções universais possuem a vantagem de alcançar um maior número de pessoas e evitar a estigmatização de participantes com problemas mais intensos e frequentes que os demais, além de possibilitarem que um único programa possa ter impacto sobre diversos problemas (GIESEN; SEARLE; SAWIER, 2007; SAWIER et al., 2010). No contexto brasileiro, por exemplo, o programa #Tamojunto, intervenção baseada em evidências, cujo foco recai sobre a prevenção ao uso de drogas, apresentou, entre seus efeitos, a diminuição da violência escolar entre adolescentes, no que se concerne ao bullying (GUSMÕES et al., 2018).

Fagan e Catalano (2012) apontam que, intervenções preventivas à violência escolar, com adolescentes, incluem, tipicamente, componentes relacionados ao aprimoramento de habilidades socioemocionais e de comunicação entre os estudantes, tomada de decisão, resolução de problemas e enfrentamento de situações estressantes. Segundo os mesmos autores, para alcançar maior impacto, intervenções preventivas deveriam focar nos elementos mais importantes conforme a faixa etária do grupo a quem serão direcionadas, assim, na adolescência, estratégias preventivas podem buscar modificar processos que ocorrem entre pares. Grande parte dos programas possui como facilitadores os professores e pares adolescentes.

No Brasil, Nesello et al. (2014) realizaram um estudo de revisão com os objetivos de identificar e caracterizar a violência em escolas no contexto nacional. Os resultados apontaram que a maior parte das pesquisas foi realizada em instituições públicas de ensino, localizados nas regiões Sul e Sudeste do país, e desenvolvidas com estudantes do ensino fundamental, sendo a violência física, a psicológica, e o *bullying* as categorias identificadas como mais prevalentes e relatadas com maior frequência. Os achados destacaram um aumento crescente da contribuição científica sobre o tema no Brasil, no entanto, problemas na sistematização

dos conhecimentos se mostraram presentes. Segundo os autores, a própria definição de violência escolar diferiu entre os estudos, o que dificulta o estabelecimento de diálogo entre pesquisadores da área, bem como o registro de dados quantitativos sobre o fenômeno. Nessa direção, Abreu e Murta (2016) recomendam o desenvolvimento e avaliação de estudos na área da prevenção e promoção de saúde, bem como o fortalecimento de redes de pesquisa e interlocução com políticas públicas para o avanço do campo no país.

Stelko-Pereira e Williams (2016) avaliaram a implementação de um programa brasileiro voltado a prevenir e diminuir a violência escolar (Violência Nota Zero), bem como a aumentar o engajamento dos estudantes na escola e a melhorar o bem-estar dos professores. A intervenção tinha como participantes 13 educadores que lecionavam em turmas de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental, e era composta por doze sessões que incluíam apresentações, discussões e exercícios relacionados à violência escolar. Professores e estudantes responderam a instrumentos padronizados destinados a mensurar o problema antes e após a intervenção. Os resultados apontaram redução significativa na perpetração de violência entre pares e na saúde mental dos professores.

Estudos de revisão sobre programas de prevenção universal à violência em escolas, direcionados especificamente ao público adolescente, podem ser relevantes para ampliar o conhecimento referente às intervenções baseadas em evidências disponíveis e verificar possíveis lacunas a serem preenchidas no campo da prevenção na produção nacional sobre o tema. No Brasil, não foram encontrados registros de revisões sistemáticas com esse foco específico. Diante desse cenário e sabendo-se que a violência escolar se trata de um problema de saúde pública, cujos efeitos podem ser nocivos para o desenvolvimento humano em geral, e intensificados na adolescência, e que intervenções preventivas universais podem propiciar o desenvolvimento de importantes habilidades para o manejo do referido problema, o objetivo do presente estudo é descrever o panorama atual da literatura nacional e internacional referente aos programas preventivos universais para violência escolar, voltados a adolescentes. Especificamente, pretende-se analisar os seguintes aspectos da referida literatura: programas avaliados, países em que as estratégias foram implementadas, categorias de violência escolar que constituíram foco da intervenção, características do público-alvo, instrumentos utilizados para avaliar a violência escolar, o formato dos programas (número de sessões, abordagem teórica, profissional responsável pela aplicação) e dados de *follow-up* dos resultados obtidos.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão sistemática realizada conforme recomendações metodológicas da declaração PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*) (MOHER et al., 2009).

O levantamento bibliográfico foi realizado em setembro de 2018, nas bases de dados Scopus, PsycInfo e BVS, conforme os procedimentos descritos a seguir.

Na Scopus (<https://www.scopus.com/search/form.uri?zone=TopNavBar&origin=resultslist&display=advanced>), inseriram-se os termos *school violence*, *prevention*, *violence*, *adolescence* e *universal* entre aspas, na aba *Advanced search*, especificamente no campo *Enter query string*, com *AND* entre as palavras. Obtidos os resultados, refinou-se a busca pelo ano de publicação, selecionando-se as opções de 2008 a 2018, tipo de documento, assinalando-se a opção *article*, e pelo idioma, marcando-se as opções *english*, *portuguese* e *spanish*.

Na PsycINFO (<http://psycnet.apa.org/search/advanced>), foram inseridos os termos *school violence*, *prevention*, *adolescence* e *universal*, cada uma em uma linha da aba *Advanced Research*, com a opção *Any Field* selecionada e *AND* entre os termos. Além disso, na aba *Date*, foram preenchidos os anos 2008 e 2018, nos

respectivos campos. Obtidos os resultados, refinou-se a busca pelo tipo de publicação, assinalando-se a opção *journal*.

Na BVS (<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/?lang=pt>), a busca foi realizada, inserindo-se os termos *school violence*, *prevention*, *adolescence* e *universal*, cada uma em uma linha da aba “Busca Avançada”, com a opção “Título, resumo, assunto” selecionada e *AND* entre os termos. Obtidos os resultados, refinou-se a busca pelo ano de publicação, selecionando-se os campos referentes aos anos de 2008 a 2018, e pelo idioma, marcando-se as opções “inglês”, “espanhol” e “português”.

Foram considerados critérios de inclusão: (1) artigos publicados em periódicos científicos no período entre 2008 e 2018, (2) com adolescentes entre 10 e 19 anos como participantes, (3) desenvolvidos em escolas, (4) com foco sobre redução ou prevenção de violência escolar, (5) prevenção do tipo universal, (6) apresentando intervenções baseadas em evidência (estudos experimentais, quase-experimentais, do tipo pré e pós-teste, série de casos e relatos de caso), (7) publicados em português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão foram: (1) artigos de revisão bibliográfica e/ou metanálise, (2) estudos cujos objetivos recaíam sobre o desenvolvimento de instrumentos de avaliação para a violência escolar.

A pesquisa bibliográfica foi realizada por duas pesquisadoras, de maneira independente, mas realizando-se os mesmos procedimentos, com vistas a comparar os resultados obtidos por cada um e verificar o índice de concordância na seleção dos artigos. Após as buscas, os títulos e resumos de todos os artigos foram lidos e analisados pelos pesquisadores, e selecionados aqueles que atenderam aos critérios de inclusão. Os artigos cujos resumos não possuíam informações suficientes requeridas para análise foram lidos integralmente.

As categorias propostas para a análise dos artigos foram: ano de publicação, país em que a pesquisa foi realizada, categorias de violência escolar alvos do programa, idade da amostra, número de participantes, tipo de grupo controle, delineamento do estudo, profissional que conduziu a intervenção, número de sessões que compõem o programa, instrumento utilizado para avaliar a violência escolar, e existência de dados de seguimento e respectivo período.

Os conteúdos dos artigos foram organizados em uma planilha, de acordo com as categorias previamente estabelecidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento bibliográfico localizou 326 resultados, dos quais 17 eram repetidos. Mediante aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, 271 foram excluídos e 38 o foram após a leitura integral dos artigos. Os oito estudos restantes compuseram o *corpus* de análise da revisão. O índice de concordância, por consenso, entre as duas pesquisadoras foi de 100% na seleção do material. A Figura 1 apresenta o fluxograma com as etapas de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos artigos. Nas tabelas 1 e 2 são apresentadas informações extraídas dos estudos compilados na revisão.

Os oito artigos apresentaram como objetivo a prevenção e redução da violência na escola, enfocando a agressão entre pares. No que se refere à natureza da violência escolar, é possível notar que a violência física aparece como alvo em três programas, a psicológica em quatro, a sexual em dois, o *bullying* em três e o *cyberbullying* em um, sendo que alguns programas possuem em seus objetivos a prevenção de violências de duas ou mais categorias diferentes. Isto pode estar embasado pelo conhecimento de que comportamentos agressivos entre pares raramente ocorrem sob apenas um formato, isto é, diferentes categorias de violência podem ocorrer concomitantemente. Além disso, estudos apontam que vivenciar determinado subtipo de violência escolar, como o *bullying*, por exemplo, pode constituir fator de risco para outras formas de

vitimização em momento posterior, como violência sexual e psicológica (FARRINGTON et al., 2011; HONG; ESPELAGE, 2012).

Em relação ao país onde os estudos foram desenvolvidos, cinco se localizam na América do Norte, sendo um no Canadá, e quatro nos Estados Unidos, e três foram realizados no contexto europeu (Espanha, Finlândia e Itália). Destaca-se que, não foram localizados estudos que atendessem aos critérios de inclusão, para esta revisão, realizados no Brasil ou em outro país da América Latina. Nesse sentido, apesar de serem crescentes os esforços no contexto nacional, no sentido de prevenir a violência escolar, dada sua alta prevalência e impactos negativos em educação e saúde, estes ainda são incipientes, sendo poucos os estudos que fornecem detalhes sobre desenvolvimento e implantação de intervenções (STELKO-PEREIRA, 2012; NESELLO et al., 2014). Tal situação, segundo Abreu e Murta (2016), abre uma lacuna na comunicação entre pesquisador e gestor público no que se refere às implicações sociais dos estudos, acarretando no não fornecimento de informações relevantes para a tomada de decisão na utilização de recursos, no que tange ao investimento em programas com potencial de serem eficazes. Ainda, de acordo com Stelko-Pereira e Williams (2016), desafios expressivos encontrados por pesquisadores como, altas taxas de absenteísmo de professores e alunos, interesse restrito em participar da pesquisa, e transferências frequentes de estudantes para outras escolas durante o período de realização do estudo, podem constituir razões que contribuem para a escassez de publicação de estudos de avaliação de programas preventivos à violência escolar em países em desenvolvimento.

Os adolescentes foram participantes em todos os estudos, sendo que, em um deles, a amostra incluía também professores e comunidade e, em outro, crianças. Estudos no campo da prevenção à violência escolar tem colocado muito mais foco sobre o impacto desta entre estudantes do que entre estes e a equipe da escola (ESPELAGE et al., 2013; STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2016). Três dos estudos selecionados compreendem indivíduos na faixa etária entre 11 e 14 anos, período apontado pela literatura como crucial para o desenvolvimento de intervenções preventivas à violência em escolas, dado que estas podem alterar desfechos negativos relacionados a esse problema, que costuma atingir picos em anos posteriores, no Ensino Médio (TTOFI et al., 2011; CONNOLLY et al., 2015; TROOP-GORDON, 2017).

O tamanho das amostras das pesquisas selecionadas variou, sendo a menor composta por 290 participantes e a maior por 23.520. No que se refere ao formato do grupo controle, um dos programas contou com a aplicação de uma intervenção conduzida por adultos, que já fazia parte do currículo da instituição de ensino e fazia parte de uma política de prevenção à violência em escolas, no Canadá. Os outros programas não empregaram intervenção junto ao grupo controle. Todos os programas foram implementados em escolas, sendo seus conteúdos inseridos na rotina da instituição. Em relação à dosagem, o número de sessões de cinco intervenções variou entre 12 e 20, um programa era composto por 10 lições, um por duas aulas, e um propunha um curso aos professores, duas sessões de apresentação aos estudantes, um dia de treinamento para pares facilitadores, além de atividades face-a-face e intervenção online, cujas dosagens não foram especificadas no artigo. Os instrumentos utilizados pelos estudos para avaliar a violência escolar foram diversos, incluindo medidas de observação, nomeação por pares, relatos de professores, e medidas de autorrelato, como escalas e inventários. Todas as intervenções tinham por objetivo realizar ações do tipo universal, no entanto, o programa Kiva (YANG; SALMIVALLI, 2015) oferecia também prevenção indicada, para casos agudos de bullying. Pode-se considerar que a adoção da estratégia universal de prevenção possibilitou o trabalho com amostras numerosas (GIESEN; SEARLE; SAWIER, 2007; SAWIER et al., 2010).

Figura 1 - Representação esquemática dos métodos de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão de trabalhos na revisão, adaptada de acordo com o PRISMA *Flow Diagram*

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tabela 1 - Características dos programas de prevenção universal à violência em escolas, de acordo com nome, autores/ano, local, categorias/natureza de violência alvos da intervenção, idade dos participantes e tamanho da amostra

Programa	Autores/Ano	Local	Categoria de violência escolar alvo	Idade	dos	N
----------	-------------	-------	-------------------------------------	-------	-----	---

			do programa	participantes (anos)	
Guiding Responsibility and Expectations for Adolescents for Today and Tomorrow (GREAT)	Simon et al. (2008)	Estados Unidos	Agressão entre pares (Natureza da violência não especificada)	10 – 12	5,581
KiVa	Yang e Salmivalli (2015)	Finlândia	Agressão entre pares Bullying	8 – 15	23,520
Non Cadiamo In Trapolla!/Let's Not Fall Into The Trap! (NO TRAP!)	Palladino, Nocentini e Menesini (2016)	Itália	Agressão entre pares <i>Bullying</i> (e <i>cyberbullying</i>)	14 – 18	1,083
Preventing Relational Aggression in Schools Everyday (PRAISE)	Leff et al. (2010)	Estados Unidos	Agressão entre pares Violência psicológica (agressão relacional)	10,5 (média)	290
Programa de Inteligencia Emocional/ Emotional Intelligence Program (INTEMO)	Castillo-Gualda et al. (2018)	Espanha	Agressão entre pares Violência física + psicológica (agressão verbal)	11 – 15	476
Respect in Schools Everywhere (RISE)	Connolly et al. (2015)	Canadá	Agressão entre pares Violência psicológica + sexual (assédio) + bullying + violência no namoro	11 – 14	509
Second Step: Student Success Through Prevention (SS-SSTP)	Espelage et al. (2013)	Estados Unidos	Agressão entre pares: Violência física + sexual (insultos homofóbicos e assédio) + <i>bullying</i>	11,25 (média)	3,616
Violence Prevention Project (VPP)	Thompkins et al. (2014)	Estados Unidos	Agressão entre pares Violência física + psicológica (agressão verbal)	14 – 16	1,112

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tabela 2. Características dos programas de prevenção universal à violência em escolas, de acordo com delineamento, tipo de grupo controle, instrumentos utilizados para avaliar a violência escolar, formato da intervenção e *follow-up*

Programa	Delineamento	Grupo controle	Instrumento	Formato	Follow-up
Guiding Responsibility and	Quase-experimental	Sem intervenção	PBFS BASC	Dosagem: 20 sessões Perspectiva Teórica: Social	24 meses

Expectations for Adolescents for Today and Tomorrow (GREAT)				Escala de Agressão Física	Cognitiva	Facilitador: Psicólogo, Conselheiro, Professor	
KiVa	Experimental	Sem intervenção	Questionário online sobre bullying	Relatórios dos professores	Dosagem: 10 lições	Perspectiva Teórica: não especificada	Nove meses
					Facilitador: Professor		
Non Cadiamo In Trapolla!/Let's Not Fall Into The Trap! (NO TRAP!)	Quase-Experimental	Sem intervenção	FBVS	FCBVSs	Dosagem: Curso para professores	Apresentação do programa (2 sessões) Treinamento para os pares facilitadores (1 dia) Atividades face a face Intervenção <i>online</i> Perspectiva Teórica: Educação por Pares	Seis meses
					Facilitador: Psicólogo, Pares		
Preventing Relational Aggression in Schools Everyday (PRAISE)	Quase-Experimental	Sem intervenção	Nomeação de pares	CSB KAPS	Dosagem: 20 sessões	Perspectiva Teórica: Social Cognitiva	Não
					Facilitador: Terapeuta, Professor		
Programa de Inteligencia Emocional (INTEMO)	Quase-Experimental	Sem intervenção	AQ		Dosagem: 12 sessões	Perspectiva Teórica: Aprendizagem Socioemocional	36 meses
					Facilitador: Psicólogo		
Respect in Schools Everywhere (RISE)	Experimental	Programa antiviência conduzido por adultos	RISE Knowledge Questionnaire	PSV CPHASSS Sexual Harassment Questionnaire CADRI	Dosagem: 2 aulas	Perspectiva Teórica: Educação por Pares	2 meses
					Facilitador: Adolescentes do Ensino Médio		

(continua)

(continua)

Tabela 2. Características dos programas de prevenção universal à violência em escolas, de acordo com delineamento, tipo de grupo controle, instrumentos utilizados para avaliar a violência escolar, formato da intervenção e *follow-up*

Programa	Delineamento	Grupo controle	Instrumento	Formato	Follow-up
----------	--------------	----------------	-------------	---------	-----------

Second Step: Student Success Through Prevention (SS-SSTP)	Experimental	Sem intervenção	UIBS UIVS UIFS HCAT	Dosagem: 15 sessões Perspectiva Teórica: Aprendizagem Socioemocional Facilitador: Professor	12 meses
Violence Prevention Project (VPP)	Quase-experimental	Sem intervenção	Observação IPA	Dosagem: 12 sessões Perspectiva Teórica: Social Cognitiva Facilitador: Profissional com grau mínimo de bacharel	Seis meses

Legenda: CSB = Children's Social Behavior Questionnaire; KAPS = Knowledge of Anger Problem Solving; PBFS = Problem Behavior Frequency Scale; BASC = Behavioral Assessment System for Children; UIBS = University of Illinois Bully Scale; UIVS = University of Illinois Victimization Scale; UIFS = University of Illinois Fighting Scale; HCAT = Homophobic Content Agent Target Scale; CPHASSS = Canadian Public Health Association Safe School Survey; CADRI = Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory; AQ = Aggression Questionnaire; FBVS = Florence Bullying-Victimization Scales; FCBVSs = Florence Cyberbullying/Cybervictimization Scales; IPA = Interpersonal Problem-Solving Analysis; OBVQ = Olweus' Bully/Victim Questionnaire; PSV = Provictim Scale Victimization.

Fonte: Elaborada pelas autoras.

No que concerne à Perspectiva Teórica, três estudos adotaram o referencial da Teoria Social Cognitiva, dois o da Aprendizagem Socioemocional, dois o da Educação por Pares. Em um dos trabalhos essa informação não foi especificada pelos autores (YANG; SALMIVALLI, 2015), mas os autores identificaram o bullying enquanto um processo de grupo, no qual as testemunhas desempenham importante papel, incentivando o agressor ou defendendo a vítima. Apesar de o conteúdo variar entre os programas, destaca-se que, em sua maioria, buscaram diminuir fatores de risco e investir em fatores de proteção por meio da promoção de competência social e emocional. Em relação ao conteúdo das intervenções, todos os trabalhos descreveram, ainda que de maneira sintetizada, os principais tópicos abordados no programa. O profissional responsável pela condução da intervenção variou, tendo o professor como responsável em três dos artigos, sendo que em um deles havia um terapeuta (cuja área de especialização não foi informada) também na coordenação, o psicólogo em dois deles, um profissional com grau de bacharel em outro, e pares em dois. Tais dados corroboram os achados de Fagan e Catalano (2012), no que se refere aos componentes das intervenções voltadas ao público adolescente no ambiente escolar e a seus facilitadores.

O delineamento foi quase-experimental em cinco estudos e experimental em três, estratégias de pesquisa que envolvem alto rigor metodológico e são consideradas como tendo o maior potencial de identificar efeitos válidos após uma intervenção (FAGAN; CATALANO, 2012). Dos oito estudos revisados, sete apresentaram dados de *follow-up*, sendo que o período de seguimento variou de dois meses a três anos, com média de 12,2 meses. Os referidos dados são de suma importância para avaliar se os efeitos da intervenção realmente previnem a violência em escolas, ao longo do tempo. Pesquisadores do campo da prevenção apontam para a importância de se realizarem avaliações periódicas, de modo a verificar se a ação preventiva de fato alcançou seus objetivos (GORDON, 1983; MRAZEK; HAGGERTY, 1994).

Sete estudos que compuseram a revisão apresentaram diferenças significativas entre o grupo experimental e o controle no pós-teste. Participantes da intervenção GREAT (SIMON et al., 2008) apresentaram aumento em princípios individuais que privilegiam comportamentos não violentos ($p < 0,05$). Dois programas, Kiva (YANG; SALMIVALLI, 2015) e NoTrap! (PALLADINO; NOCENTINI; MENESINI, 2016), reduziram, significativamente, o *bullying*, com $p < 0,01$ e $p < 0,05$, respectivamente. A intervenção PRAISE (LEFF et al., 2010) apresentou diminuição da agressão relacional (considerada pertencente à categoria de violência psicológica) ($p < 0,01$), apenas em adolescentes do sexo feminino, embora a intervenção fosse direcionada a indivíduos de ambos os sexos. Dois programas apresentaram redução significativa em violência física, a saber, SS-STP

(Espelage et al., 2013) ($p < 0,05$), e INTEMO (CASTILLO-GUALDA et al., 2018) ($p < 0,01$), sendo que esse último produziu diminuição também nos níveis de agressão verbal (considerada pertencente à categoria de violência psicológica). O RISE (CONNOLLY et al., 2015) apresentou diminuição em violência no namoro ($p < 0,05$). O programa VPP (THOMPCKINS et al., 2014) foi o único que não apresentou resultados com significância estatística relacionada à violência escolar.

É possível notar que não foram apresentados resultados estatisticamente significativos no que se refere à categoria violência sexual, alvo de dois programas (ESPELAGE et al., 2013; CONNOLLY et al., 2015), o que sugere a necessidade de aprimorar componentes relacionados a esse tema nas intervenções. A maior parte dos estudos apresentou efeitos significativos sobre os níveis de violência física, psicológica e *bullying*, apontadas como as categorias de violência escolar que mais recebem foco em programas preventivos. Isso pode ter relação com o maior volume de conhecimento produzido que, por sua vez, é capaz de levar ao o aprimoramento de intervenções que enfoquem essas categorias, como localizaram Lester et al. (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados na presente revisão, em sua maioria, produziram efeitos significativos sobre a prevenção à violência em escolas, sobretudo no que se refere às categorias física, psicológica e bullying, contribuindo para o avanço do campo e para desfechos positivos em saúde mental na adolescência. Todos os estudos tinham como alvo a agressão entre pares. O tamanho das amostras envolvidas, tipos de delineamento empregados, coleta de dados de follow-up, refletem o expressivo investimento que tem sido realizado no campo.

Acerca desta revisão, foram apenas identificados e analisados artigos internacionais. É importante ressaltar que as análises empreendidas estão atreladas aos critérios de inclusão previamente estabelecidos, que compreendiam um filtro específico, isto é, o de intervenções preventivas, do tipo universal, e baseadas em evidências, o que pode ter suscitado a localização de um número reduzido de pesquisas. Isto pode ser considerado uma limitação do presente estudo.

Nesse sentido, poderiam ser pertinentes, novos estudos de revisão que considerassem o estado da arte sobre a produção brasileira acerca de intervenções preventivas à violência em escolas, direcionadas ao público adolescente, considerando também abordagens qualitativas aplicadas à avaliação das estratégias e dos resultados alcançados. Além disso, seria relevante identificar intervenções destinadas a prevenir ou reduzir a violência nas interações entre estudantes e equipe da escola, e não somente entre pares, como foi o foco dos artigos revisados.

Para finalizar, considera-se que, a identificação de modelos de intervenções relacionadas à prevenção ou redução da violência escolar, promovidas pela presente revisão, bem como por outras similares, pode contribuir para orientar o desenvolvimento de políticas públicas envolvendo setores de saúde e educação para o planejamento de programas preventivos.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio parcial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, S.; MURTA, S. G. **O estado da arte da pesquisa em prevenção em saúde mental no Brasil: uma revisão sistemática.** Interação em Psicologia, v. 20, n. 1, p. 101-111, 2016. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v20i1.34790>

- CASEY, B. V; JONES, R. M.; SOMERVILLE, L. H. **Braking and accelerating of the adolescent brain**. Journal of Adolescent Research, v. 21, n. 1, p. 21-33, 2011. doi: doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00712.x
- CASTILLO-GUALDA, R. C. et al. **A three-year emotional intelligence intervention to reduce adolescent aggression: the mediating role of unpleasant affectivity**. Journal of Research on Adolescence, v. 28, n.1, p. 186-198, 2018. doi: 10.1111/jora.12325
- CATALANO, R. F. et al. **Worldwide application of prevention science in adolescent health**. Lancet, v. 379, n. 1, p. 1653–1664, 2012. Doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60238-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60238-4)
- CONNOLLY, J. et al. **Evaluation of a youth-led program for preventing bullying, sexual harassment, and dating aggression on middle schools**. Journal of Early Adolescence, v. 35, n. 3, p. 403-434, 2015. doi: 10.1177/0272431614535090
- CRICK, N. R.; OSTROV, J. M.; KAWABATA, Y. **Relational aggression and gender: an overview**. In: Flannery, D. J; Vazsonyi, A. T.; Waldman, I. D. (Ed.), The Cambridge handbook of violent behavior and aggression. New York: Cambridge, 2007. p. 245-259.
- DAVID, P. et al. **Bullying perpetration and victimization as predictors of delinquency and depression in the Pittsburgh Youth Study**. Journal of Aggression, Conflict and Peace Research, v. 3, n. 2, p. 74-81, 2011. doi: <https://doi.org/10.1108/17596591111132882>.
- ESPELAGE, D. et al. **The impact of a middle school program to reduce aggression, victimization, and sexual violence**. Journal of Adolescent Health, v. 53, n. 1, p. 180-186, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.02.021>
- FAGAN, A. A.; CATALANO, R. F. **What works in youth violence prevention: A review of the literature**. Research on Social Work Practice, v. 23, n., p. 141–156, 2012. doi: <https://doi.org/10.1177/1049731512465899>
- FARMER, T. W., et al. **The development dynamics of aggression and the prevention of school violence**. Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 15(4), 197-208, 2007. Disponível em <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/10634266070150040201>> Acesso em: 2 set. 2018
- FARRINGTON, D. P. et al. **Bullying perpetration and victimization as predictors of delinquency and depression in the Pittsburgh Youth Study**. Journal of Aggression, Conflict and Peace Research, v. 3, n. 2, p. 74–81, 2011. doi: <https://doi.org/10.1108/17596591111132882>
- GIESEN, F.; SEARLE, A.; SAWYER, M. G. (2007). **Identifying and implementing prevention programs for childhood mental health problems**. Journal of Pediatrics and Child Health, v. 43, n. 1, p. 785–789, 2007. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1440-1754.2007.01196.x>
- GORDON, R. **An operational classification of disease prevention**. Public Health Report, v. 28, n. 2, p. 107-109, 1983.
- GUSMÕES, J. D. S. P. et al. **Violence in brazilian schools: analysis of the effect of the #Tamojunto prevention program for bullying and physical violence**. Journal of Adolescence, v. 63, n. 1, p. 107-117, 2018. doi: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.003>

HONG, J. S; ESPELAGE, D. L. (2012). **A review of research on bullying and peer victimization in school: An ecological system analysis.** Aggression and Violent Behavior, v. 17, n. 1, p. 311-322, 2012. doi: 10.1016/j.avb.2012.03.003

JOLLIFFE, D. et al. **Prevalence of life-course-persistent, adolescence-limited, and late-onset offenders: a systematic review of prospective longitudinal studies.** Aggression and Violent Behavior, v. 33, n.1, p. 4-14, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.002>

LEFF, S. S. et al. **The preventing relational aggression in schools everyday program: a preliminary evaluation of acceptability and impact.** School Psychology Review, v. 39, n. 4, p. 569-587, 2010. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3113534/>> Acesso em: 2 set. 2018

LESTER, S.; LAWRENCE, C.; WARD, C. L. **What do we know about preventing school violence? A systematic review of systematic reviews.** Psychology, Health & Medicine, v. 22, n. 1, p. 187-223, 2017. doi: 10.1080/13548506.2017.1282616

MOHER, D. et al. **Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement.** Annals of Internal Medicine, v. 151 n.4, p. 264-269, 2009. doi: doi: 10.1371/journal.pmed.1000097

MRAZEK, P. J; HAGGERTY, R. J. (1994). **Reducing risks for mental disorders: frontiers for preventive intervention research.** Washington, DC: National Academies Press, 1994.

MURTA, S. G. et al. **Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura.** Contextos Clínicos, v. 6, n. 2, p. 117-131, 2013. doi: 10.4013/ctc.2013.62.05

NESELLO, F. et al. (2014). **Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 14, n. 2, p. 119-136, 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292014000200002>

OFFICE OF THE SPECIAL REPRESENTATIVE OF THE SECRETARY GENERAL ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. **Tackling violence in schools: a global perspective – bridging the gap between standards and practice.** New York: 2012. Disponível em < <https://hivhealthclearinghouse.unesco.org/library/documents/tackling-violence-school-global-perspective-bridging-gap-between-standards-and>>. Acesso em: 2 set. 2018

OLWEUS, D. **School bullying: development and some important challenges.** Annual Review of Clinical Psychology, v. 9, n. 1, p. 751-780, 2013. doi:10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (2017). **School violence and bullying: global status report.** Paris: 2017. Disponível em < <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002469/246970e.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2018

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2014). **Relatório mundial sobre a prevenção da violência.** Genebra: 2014 Disponível em < http://who.int/iris/bitstream/10665/145086/5/9789241564793_por.pdf>. Acesso em: 2 set. 2018

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global accelerated action for the health of adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation.** Geneva, 2017. Disponível em

<<http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/255415/9789241512343-eng.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 set. 2018

PALLADINO, B. E.; NOCENTINI, A; MENESINI, E. **Evidence-based intervention against bullying and cyberbullying: evaluation of the NoTrap! Program in two independent trials.** *Aggressive Behavior*, v. 42, n.1, p. 194-206, 2016. doi: 10.1002/ab.21636

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 528p.

SAWIER, M. C., et al. **School-based prevention of depression: a randomized controlled study of the beyondblue schools research initiative.** *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 52, n. 2, p. 199-209, 2010. doi: 10.1111/j.1469-7610.2009.02136.x

SCHRIBER, R. A; GUYER, A. E. **Adolescent neurobiological susceptibility to social context.** *Developmental Cognitive Neuroscience*, v. 19, n. 1, p. 1-18, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.dcn.2015.12.009>

SIMON, T. R. et al. **The multisite violence prevention project: impact of a universal school-based violence prevention program on social-cognitive outcomes.** *Prevention Science*, v. 9, n. 1, p. 231-244, 2008. doi: 10.1007/s11121-008-0101-1

SPEAR, L. P. **Adolescent Neurodevelopment.** *Journal of Adolescent Health*, v. 52, n. 2, p. 7–13, 2013. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.05.006>

STELKO-PEREIRA, A. C. **Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia.** 2012. 193f. Tese (Doutorado) Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufscar.br/>>. Acesso em: 2 set. 2018

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. **Evaluation of a brazilian school violence prevention program (Violência Nota Zero).** *Pensamiento Psicológico*, v. 14, n. 1, p. 63-76, 2016, 2016. doi: 10.11144/Javerianacali.PPSI14-1.ebsv

TAVARES, P. A.; PIETROBOM, F. C. **Fatores associados à violência escolar: evidências para o estado de São Paulo.** *Estudos Econômicos*, v. 46, n. 2, p. 471-498, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-416146277ptf>

THOMPCKINS, A. C. et al. **Optimizing violence prevention programs: an examination of program effectiveness among urban high school students.** *Journal of School Health*, v. 84, n. 1, p. 435-443, 2014. doi: 10.1111/josh.12171

TROOP-GORDON, W. **Peer victimization in adolescence: the nature, progression, and consequences of being bullied within a developmental context.** *Journal of Adolescence*, v. 55, n. 1, p. 116–128, 2017. doi: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.12.012>

TTOFI, M. M. et al. **Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies.** *Journal of Agression, Conflict and Peace Research*, v. 2, n. 1, p. 63–73, 2011. doi: <https://doi.org/10.1108/17596591111132873>

YANG, A.; SALMIVALLI, C. **Effectiveness of the KiVa antibullying programme on bully-victims, bullies and victims.** *Educational Research*, v. 57, n. 1, p. 80-90, 2015. doi: 10.1080/00131881.2014.983724